

CORPOS, LUGARES E RELAÇÕES DE GÊNERO: TRAJETÓRIAS DE JOVENS-ALUNOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Eixo Temático 26 – Juventudes Contemporâneas Articulações com os Estudos Culturais, Gênero e Sexualidade

Gislaine Gabriele Saueressig ¹
Daniela Medeiros de Azevedo Prates ²

RESUMO

O presente estudo é parte de investigações de Mestrado produzidas junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e Educação - GEPEJE. Nesse momento, propõe problematizar trajetórias de jovens-alunos em cursos de Ensino Médio Integrado, vinculados a áreas histórica e socialmente marcadas por questões de gênero. Ancora-se nas interlocuções dos referenciais sobre Educação Profissional e Tecnológica, buscando contribuições dos Estudos Culturais em Educação em suas possíveis articulações aos estudos sobre juventudes e gênero. A pesquisa parte da revisão da literatura e triangulação de ferramentas metodológicas como mapeamento do perfil de jovens-alunos em cursos de Ensino Médio Integrado, observação-participante e conversas com jovens-alunos.

Palavras-chave: Juventudes; Gênero; Ensino Médio Integrado.

INTRODUÇÃO

A presente discussão parte de uma pesquisa iniciada junto ao curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL) cujo objetivo incide em analisar trajetórias de jovens-alunos em cursos de Ensino Médio Integrado vinculados a áreas histórica e socialmente marcadas por questões de gênero. Para tanto, a pesquisa adota a

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo ProfEPT do IFSul, gislainesaueressig@ifsul.edu.br;

² Doutora em Educação pela UFRGS, Professora EBTT no IFSul, danielaprates@ifsul.edu.br;

triangulação de ferramentas metodológicas como mapeamento do perfil de jovens-alunos em cursos de Ensino Médio Integrado, observação-participante e conversas com jovens-alunos.

Nesse ensaio, partimos dos estudos dos referenciais sobre Educação Profissional e Tecnológica e dos Estudos Culturais em Educação em suas possíveis articulações aos estudos sociológicos e antropológicos sobre juventudes e gênero, para então acolher e analisar as trajetórias de dois jovens-alunos dos cursos técnicos em eventos e em informática, problematizando como vem se produzindo relações de gênero imbricado à perspectiva de educação integral presente na proposta dos Institutos Federais. Posteriormente, buscamos reconhecer quem são esses sujeitos, experiências e marcadores culturais partilhados por sua geração, perpassados pelas diferentes formas de viver (ou não) a condição juvenil, considerando tanto as desiguais condições sociais para experimentar este tempo de espera, como também tensões vivenciadas no âmbito escolar, especialmente a partir das relações de gênero.

O referencial teórico nos permitiu buscar pistas para compreender as diversas maneiras de ser e estar jovem que se visibilizam na contemporaneidade, em suas culturas, nos modos como recriam e ressignificam espaços e tempos. Trata-se de um tema que assume relevância de estudo diante da necessidade de reconhecer quem são os jovens-alunos que “invadem” a cena escolar, especialmente se problematizarmos marcadores de gênero.

No Brasil, indicadores de 2018 apontam que as mulheres possuem maior escolarização, trabalham mais e ainda permanecem com menor remuneração. Também continua presente a baixa participação de mulheres em espaços de tomadas de decisão e da vida pública no país. Outro ponto fundamental remete a violência de gênero, contemplando formas de abusos, violações de direitos, pressão psicológica, moral, exposição da intimidade, entre outras formas de desrespeito a autonomia e a dignidade.

Diante do exposto, incide a problematização: como vem se produzindo relações de gênero na trajetória de jovens-alunos?

REFERENCIAL TEÓRICO

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia foram criados em 2008, com o objetivo

principal de serem espaços de vinculação entre ambiente educacional e ambiente produtivo, tendo como proposta uma educação integrada, de modo a proporcionar educação básica e profissional à população jovem e adulta.

Segundo Ramos (2008) e Frigotto (2011), as reivindicações para a educação nacional no período de redemocratização do país (década de 1980) foram focadas nas garantias de uma educação voltada para a classe trabalhadora, excluindo das diretrizes, principalmente, a dualidade da formação para o trabalho: a educação básica e profissional deveria superar as diferenças entre formação para o trabalho manual e para o trabalho intelectual (RAMOS, 2008; SAVIANI, 1989; CIAVATTA, 2008). Além disso, deveria ser igual para todos, afinal, estava se firmando como um direito institucional, e não deveria ser fornecida de maneiras diferentes para classes sociais diferentes. O objetivo era a concepção de uma educação unitária (sem a dicotomia trabalho intelectual x trabalho braçal), politécnica (acesso aos processos básicos de produção) e omnilateral (integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica).

E quando há o propósito de proporcionar uma educação igual para todos, não podemos deixar de discutir uma das desigualdades mais evidentes da sociedade: as desigualdades de gênero, presente na sociedade em espaços variados, como família, escola, igreja, movimentos sociais, e, claro, no mundo do trabalho.

Antunes (1999) fala da divisão sexual do trabalho e das diferentes vivências dos ambientes produtivo e não-produtivo: homens e mulheres não têm os mesmos direitos, deveres ou oportunidades no mundo do trabalho, nem tampouco são atingidos de maneira igual em situações de retirada de direitos ou de precarização: o capital se apropria diferentemente da força de trabalho feminina. Federici (2017 e 2018) analisa como o capital utiliza-se do trabalho doméstico e do trabalho reprodutivo das mulheres de acordo com seus interesses, desde o período de acumulação primitiva, perpassando a revolução industrial, por vezes, aliando-se à igreja e aos nobres/burgueses e confinando mulheres ao papel de reprodutoras da vida e da força de trabalho, por outras, explorando as mulheres nas fábricas.

Nas trajetórias de jovens-alunos os marcadores de gênero e classe também estão presentes. Dayrell (2007), ao apresentar a ideia de condição juvenil, aprofunda o olhar sobre um tempo de vivências marcado por diferenças histórico-geracionais e socioculturais que definem suas possibilidades e limites. Trata-se de um viver em meio a diferentes culturas entre gerações e de um viver a partir de distintas moratórias, nas quais

o tempo para as juventudes assume significados distintos que se relacionam aos modos de ser dos sujeitos sociais. Assim, aos jovens pertencentes às camadas mais favorecidas da sociedade, diferentemente dos jovens das camadas mais pobres que precisam se preocupar com a própria sobrevivência e, portanto, trabalhar, é comum haver muito mais tempo e condições para vivenciarem sua condição, pois contam com um contexto social que os protege e os faz assumir as responsabilidades da vida adulta mais tardiamente (MARGULIS; URRESTI, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Narrativa 1

A primeira entrevistada é uma aluna do Curso Técnico de Eventos, 19 anos. Mora em um bairro de Sapucaia do Sul, e é estagiária no campus do IFSul. Ela é a primeira da família a ter acesso ao ensino médio, uma vez que os pais não concluíram o ensino fundamental e o único irmão, mais novo, tem apenas 7 anos. Durante a conversa é perceptível que ela alimenta um forte senso de responsabilidade, e percebe a juventude como um momento de aprendizado, de erros, de acertos, de descobertas e de autoconhecimento. Mas o que se vê muito presente na narrativa da jovem é também o senso de responsabilidade com o próprio futuro, a preocupação com o trabalho, com a preparação para a vida profissional, e a consciência de que as questões socioeconômicas são o maior obstáculo para a vivência dessa juventude plena.

Teve toda essa questão de quem eu sou, e de que eu posso ser uma mulher que gosta de mulher. Então atualmente eu acredito que eu sou do gênero feminino... e que... a orientação... não sei se eu sou lésbica, bissexual, não sei... isso ainda é algo que eu ainda tô buscando me conhecer, e o que eu tenho certeza é que meu gênero é (risos)... que eu sou uma mulher (risos). [...] o principal que eu vi em mim mesma é que eu não quero estar numa caixinha. Eu sou muito mais do que os rótulos.

E aí eu percebi que eu podia ser quem eu sou, então no início eu pensei, é aquela questão de errar e aprender, então eu errei e aprendi comigo mesma, e ainda estou aprendendo comigo mesma, então, quando eu entrei aqui eu me abri, dizendo que sim, eu gosto de garotas, e eu posso gostar de garotas. (Aluna, 19)

A liberdade de “errar e aprender” atrelada à ideia de juventude é diretamente ligada às questões da sexualidade e das identidades de gênero, que no trecho transcrito são atribuídos à “permissividade” encontrada na instituição escolar. Permissividade no sentido que se mostrar um ambiente acolhedor e propício a questionamentos,



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

experimentações, e que permite a busca do autoconhecimento. Questionamentos que não se restringem apenas à sexualidade, mas também à identidade de gênero, sendo que estes últimos foram o que ela chama de “erros”.

Narrativa 2

Aluno do curso técnico em informática, 19 anos, morador de um bairro de Sapucaia do Sul. Vive com a avó, o pai está preso e a mãe mora em Canoas. O jovem é cadeirante, e diz que passa os dias entre a escola, o hospital e a casa onde vive. Passou por diversas cirurgias, que começaram aos 10 anos de idade. Devido à deficiência física, recebe do governo um salário mínimo, que utiliza para manutenção da cadeira, para os remédios, transporte e para ajudar em casa.

O jovem diz que não teve muito tempo para ser criança, não pôde brincar muito e teve que amadurecer mais cedo do que o normal. Os problemas de saúde são o maior obstáculo para que ele viva a juventude de uma maneira “mais normal”, segundo ele. Além da mobilidade, ele relata que a condição sócio econômica também restringe e “tranca” muitas coisas na vida de um jovem.

Seria o começo de uma vida adulta, pra mim. Um fortalecimento pra ti poder viver a vida adulta, ter capacidade pra isso. Como uma preparação, de estudo, de vida, de... enfim... porém também tem a parte do aproveitamento criativo, a parte de... da juventude mesmo, da brincadeira, das amizades, da exploração também, que faz muito parte da juventude também, coisa que eu não tive muito por conta da minha deficiência. (Aluno, 19)

Com respeito a percepção das diferentes formas de viver a juventude, ele diz perceber muita diferença entre seus amigos, sua namorada e ele próprio. Os amigos vivem a vida com mais liberdade, e ele e a namorada são evangélicos, então já há, segundo ele, “essa parte mais restritiva”, um “padrão de vivência” diferente.

A religião é um forte marcador em sua trajetória, e ele não considera violência de gênero o discurso que ouve e que reproduz no meio religioso. Pra ele, é possível ter uma opinião contrária sobre a orientação sexual de alguém, e respeitar essa pessoa, e isso inclusive é condição para que alguém seja considerado evangélico e temente a Deus. De acordo com Lins et al (2016), violências de gênero possuem muitas facetas diferentes. Nem sempre são consideradas crimes, como assassinatos e agressões físicas. Algumas são aceitas socialmente, baseadas em costumes e tradições. Essas violências são mais difíceis de serem identificadas. No relato do entrevistado, nota-se a não identificação dessas opiniões como sendo violentas. Ao contrário, diz estar satisfeito e feliz com a

diversidade que encontra no ambiente escolar, e com a naturalidade com essa diversidade é aceita, segundo ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas maneiras de ser e de socializar-se do jovem, as suas culturas, a forma como enfrentam os desafios que se apresentam no dia a dia, o modo como recriam e ressignificam os espaços e o tempo demonstram que as juventudes devem ser compreendidas a partir do lugar social a que pertencem e também a partir de um contexto histórico mais amplo no qual convivem diversas gerações.

As vivências juvenis assim compreendidas também apresentam moratórias distintas tanto no que diz respeito a um tempo maior de vida, comum a todas as classes sociais (moratória vital), quanto no que diz respeito a um tempo de que o jovem dispõe, a fim de preparar-se para a vida adulta (moratória social), vivenciado apenas por jovens pertencentes a classes sociais mais altas. No entanto, não só as moratórias e a classe social influenciam de uma forma ou de outra as experiências juvenis. Tais experiências diferenciam-se também quando se trata de gênero, já que, por exemplo, o tempo para a mulher experimentar a juventude pode ser consideravelmente diminuído com a maternidade ou com a responsabilidade de cuidar de irmãos mais novos, enquanto seus pais estão no trabalho.

Ainda em relação à moratória social, um fato importante que está diretamente relacionado com a possibilidade de viver a condição juvenil é o trabalho. No cotidiano do jovem brasileiro pobre, as incertezas são constantes, e o grande desafio é viver a juventude enquanto procura-se sobreviver. Vive-se um dia após o outro como dá; e conciliar o trabalho com os estudos é, por vezes, a única forma de viver as experiências juvenis imediatas e de concretizar um projeto de futuro. Os jovens, trabalhadores ou não, são também grandes consumidores que buscam demarcar suas identidades ostentando em seus corpos um determinado estilo e participando de certas práticas que lhes conferem status. Acerca de tais práticas costumam ser difundidas ideias distorcidas e preconceituosas que, no entanto, não impedem que haja também uma supervalorização do ser ou sentir-se jovem, especialmente em tempos que a juventude se tornou um valor cultural (PRATES, 2021).

Nas narrativas aqui apresentadas observamos pluralidade de ideias, liberdade de testar, experimentar, questionar, uma tensão entre conservadorismo religioso e igualdade/liberdade de gênero e sexual. Os modelos de socialização das diferentes formas de ser jovem são atravessados por discursos e práticas dos espaços institucionais. Família, escola, igreja, podem imprimir na trajetória dos jovens experiências discrepantes a respeito de iniciação sexual, casamento, gravidez, prevenção das DSTs, homossexualidade, aborto, entre outros assuntos “borbulhantes” neste período de aprendizado e mudanças. Essas regras, tabus, proibições e permissões não só habitam as experiências vividas pelos jovens, mas também, muitas vezes, ditam o ângulo com que eles observam e julgam outros jovens com quem convivem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a qualificação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- CIAVATTA, Maria. A formação integrada à escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 2008.
- DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007.
- FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**. Elefante: São Paulo, 2017.
- FEDERICI, Sílvia. Notas sobre gênero em O Capital de Marx. **Cadernos Cemarx**, n. 10, 2018.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: Avanços e entraves nas suas modalidades. **Educação & Sociedade**, vol. 32, núm. 116, Julho-Setembro, 2011, pp. 619-638: Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Editorial Biblos, 1996.
- PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo. (Re)Abrindo a cena: Juventude(s), Emergências, Convergências e Dispersões. In GARBIN, Elisabete Maria; PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo. **Juventudes Contemporâneas: Emergências, Convergências e Dispersões** [recurso eletrônico]. 1ª Edição. Porto Algre: Cirkula, 2020, 365p.
- RAMOS, Marise. Concepção do ensino médio integrado. **Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias**, v. 8, 2008.
- SAVIANI, Dermeval. Sobre a concepção de politecnicidade. Rio de Janeiro: **Ministério da Saúde/FIOCRUZ**, 1989.